

FUNDAMENTOS PARA O EDUCADOR ENSINAR A EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA

FUNDAMENTALS FOR THE EDUCATOR TO TEACH EMANCIPATORY SEXUAL EDUCATION

Juliana Aparecida da Silva Schimith **1**
Priscila Carozza Frasson Costa **2**

Resumo: Trata-se de uma resenha crítica da obra “Educação Sexual: saberes essenciais para quem educa”, de autoria de Mary Neide Damico Figueiró, psicóloga, professora aposentada em 2011, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, com vastos trabalhos na área da Educação Sexual e comprometimento teórico com a Abordagem Emancipatória da Educação sexual. O livro é uma coletânea de textos, alguns já publicados que foram ampliados e revisados e outros inéditos. Durante a resenha me posicionei em alguns aspectos de acordo com a minha formação e experiência profissional. A leitura da obra vai de encontro com o educador ou demais leitores que desejam aprender sobre educação sexual seja a nível de fundamentação das temáticas básicas para o ensino ou para formação pessoal.

Palavras-chave: Educação sexual. Ensino. Fundamentos.

Abstract: This is a critical review of the work “Sexual Education: essential knowledge for those who educate”, authored by Mary Neide Damico Figueiró, psychologist, retired teacher in 2011, at the State University of Londrina (UEL), Paraná, with extensive works in area of Sexual Education and theoretical commitment to the Emancipatory Approach of Sexual Education. The book is a collection of texts, some already published that have been expanded and revised and others unpublished. During the review I position myself in some aspects according to my training and professional experience. The reading of the work meets the educator or other readers who wish to learn about sexual education, whether at the level of founding the basic themes for teaching or for personal training.

Keywords: Sexual education. Teaching. Fundamentals.

Mestranda em Ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0154656950631964>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4742-8181>. E-mail: julianaaparecida.silva@hotmail.com **1**

Doutora em Educação. Universidade Estadual do Norte do Paraná. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9835513802063995>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6423-5939>. E-mail: priscila@uenp.edu.br **2**

A presente resenha busca apresentar a obra “Educação sexual: saberes essenciais para quem educa”, publicada em 2018, pela editora CRV, de autoria de Mary Neide Damico Figueiró, psicóloga, professora aposentada em 2011, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Paraná, com vastos trabalhos na área da Educação sexual e comprometimento teórico com a Abordagem Emancipatória da Educação sexual, seguindo a perspectiva histórico sociocultural. Por 20 anos, ela esteve à frente do Grupo de Estudos sobre Educação sexual (GEES), trabalho de extensão universitária, desenvolvido na área da formação continuada de educadores, onde pode ensinar professores, educadores, estagiários, profissionais da saúde e também aprender com as experiências trazidas por esses aprendizes. Os textos presentes no livro foram escritos por discussões e experiências surgidas no GEES, por palestras ministradas e por demais experiências profissionais. A descrição da origem e o motivo da criação de cada texto estão presente em todos os capítulos.

O livro é composto por duas partes. A primeira volta-se aos fundamentos e temáticas básicas da educação sexual, este composto pelos capítulos um a oito, e a segunda direcionada a formação de educadores no campo da educação sexual (ES), este com os capítulos nove a treze. Dois textos (capítulos) são inéditos e os demais são textos revistos, atualizados e ampliados, escritos e publicados anteriormente pela autora. Todos os capítulos são de autoria de Figueiró, sendo que em dois destes há a participação de três outras autoras. Os capítulos estão dispostos de forma independente, motivo que faz com que definições e explicações iguais estejam presentes em diferentes capítulos. A autora faz uso, muitas vezes, da referência feminina e masculina em detrimento do genérico masculino, porém não irei transcrever dessa forma quando precisar fazer tais referências.

O livro apresenta uma leitura fácil, acessível, sendo proposital para que atinja o público esperado; subsidia a prática pedagógica, sendo possível de ser aplicado no ambiente ensino-aprendizagem; é um referencial acadêmico muito rico, pois a autora se preocupa em citar pesquisadores importantes na construção da temática da educação sexual (ES) brasileira. Desta forma o leitor além de adquirir saberes escritos pela autora também tem a oportunidade de conhecer os estudos de outros pesquisadores renomados na área.

Discorrerei sobre os capítulos do livro e me posicionarei em alguns aspectos. Cada parágrafo a diante refere-se a um capítulo do livro, com exceção do último parágrafo, na qual faço um fechamento da resenha apresentada.

O primeiro capítulo, intitulado “o sentido do sexo na vida das pessoas”, descreve o sentido do sexo em tempos históricos diferentes, a relação com a igreja e com a procriação e as formações familiares tardias atuais que reflete o fazer ou não sexo antes do casamento. A autora relata sua vida sexual com o marido enquanto eram namorados e as imposições religiosas e de seus pais, nas quais impediram de ela ser sujeito da sua própria sexualidade. Define sexo e reflete o significado que ele pode ter para diferentes pessoas. Diferencia sexo de sexualidade, relata diversos casos em que acompanhou enquanto profissional e enquanto mulher. Escreve sobre a repressão sexual sofrida por homens e mulheres, seja na proibição ou no incentivo ao sexo e sobre a ordem fisiológica referente ao bem-estar físico e emocional das pessoas e ainda traz explicações sobre a orientação sexual denominada de assexualidade. Na leitura desse capítulo é possível extrair a essência a ser transmitida, que é tornar a pessoa sujeito da sua própria sexualidade, onde o sexo seja um ato praticado ou não praticado como decisão responsável e não devido a uma ação imperativa.

“A educação sexual presente nos relacionamentos cotidianos” é o título do segundo capítulo. Para falar sobre esse tema a autora apresenta todas as etapas de um projeto de pesquisa que tinha como proposta analisar a educação sexual informal presente na escola. No desenvolvimento do projeto foram discutidas as atitudes relatadas pelos entrevistados (professores) em situações que envolviam a educação sexual informal. Como conclusão verificou que a maioria dos professores entrevistados mostraram-se inseguros em suas ações, evidenciando que para ensinar sobre educação sexual é preciso planejamento, preparo e formação continuada, de forma sistemática, prolongada e com assessoria e que em muitas situações é necessário a reeducação sexual do educador. Como professora presencio diversas situações na escola ideais para o trabalho da ES informal, porém a maioria dos educadores não estão

qualificados para fazer intervenções adequadas, pois são fruto de uma ES informal recebida da sociedade, cultura e religião e não por meio da formação acadêmica e continuada.

O capítulo três recebe o título de “Sexualidade e afetividade: implicações no processo de formação do educando”. Neste capítulo a autora conceitua e discute a inter-relação entre sexualidade, afetividade e educação sexual. Discorre sobre o professor diante das questões relativas a sexualidade, apresentando elementos e condições necessárias para o educador ensinar com a finalidade do desenvolvimento saudável da sexualidade e da construção da autonomia moral da criança e adolescente. A autora chama a atenção para alguns pontos como: a desvalorização do sexo dentro da sexualidade; o consenso entre a maioria dos profissionais da educação da necessidade de educar sexualmente; a importância da construção da autoimagem positiva; o aprimoramento dos sentimentos e da sensibilidade; a essência do toque e de gestos afetuosos e do respeito mútuo. Figueiró caracteriza a Educação sexual emancipatória e expõe que para educar sexualmente é preciso ter as capacidades de saber ouvir e observar e ser mediador do processo que ensine a criança a gerir suas emoções. Ao aprender gerir suas emoções, a criança desenvolve o respeito, consegue ter uma interação saudável com outras pessoas, autoestima e uma vida produtiva. O capítulo é finalizado com a reflexão sugerida aos educadores de como estão contribuindo para a escola ser um local de alegria. Ao fazer minha reflexão pessoal compreendo que ao trabalhar com a ES faço da escola um local de alegria, pois através da ES é possível ensinar a gestão das emoções, afetividade, amor e respeito.

O quarto capítulo é “Educação sexual: como ensinar no espaço da escola”. Esse texto descreve a ES, sugere várias estratégias de ensino para fazer a ES, aponta a importância de antes de procurar por uma estratégia refletir do porquê e o para que fazer ES e direciona o papel do educador nesse processo. A autora afirma a necessidade do educador reeducar-se sexualmente, pois existe muita insegurança e preocupação do educador em trabalhar o tema, visto que ele é fruto de uma sociedade repressora e não tem sido preparado devidamente nos cursos de licenciatura. Descreve como o assunto da sexualidade colabora com o processo de inclusão, de educandos com necessidades especiais, nas escolas. Discute sobre a transversalidade do tema sexualidade proposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a qual é favorável. Apresenta, além de várias estratégias de ensino de ES, vários referenciais com oficinas para serem colocadas em prática. Para Figueiró educar sexualmente é um processo formativo, longo e que requer retomada e discussões no decorrer de todas as séries e mesmo que o educador opte por não educar sexualmente, assim já o faz, através da omissão. Diante dessa ideia ela se posiciona contrária ao fato que ES se faz chamando profissionais para ministrar palestras. Finalizo afirmando que a leitura desse capítulo é ideal e necessária ao educador que deseja trabalhar o tema.

No capítulo seguinte o assunto é “Abuso sexual infantil: como fazer a prevenção, ‘pra valer!’”. O propósito deste texto é falar abertamente para pais e educadores sobre como agir antes que uma criança viva esse drama avassalador, o abuso sexual. A autora explica como sanar lacunas encontradas em materiais analisados e sugeridos por ela para trabalhar com as crianças a fim de evitar o abuso. Aponta o responsável pela prevenção do abuso “É função dos adultos responsáveis pela educação da criança e adolescentes a prevenção do abuso sexual” (FIGUEIRÓ, 2018, p. 117) e explica como deve ser feita a prevenção. Uma das lacunas apresentadas nos materiais analisados e discutidos pela autora é o pudor para falar sobre os órgãos sexuais, sendo que esse pudor pode ter reações negativas a prevenção do abuso sexual infantil, ponto que a autora requer superação. Chama ainda a atenção a reação dos adultos diante da criança ao ser descoberto um abuso e a consciência em saber que a criança sempre será a vítima em um abuso sexual. Acrescento que quaisquer formas de constrangimentos de falar de forma aberta e clara com as crianças sobre a sexualidade, em tempo hábil, é inferior frente a ocorrência do abuso sexual infantil.

No capítulo seis o texto é “Interação família-escola na educação sexual: reflexões a partir de um incidente”, esse texto traz uma visão sociocultural da sexualidade e tem como questão norteadora principal: “O que fazer a fim de assegurar uma interação família-escola com margem de segurança satisfatória, no sentido de evitar transtornos?” (FIGUEIRÓ, 2018, p. 130) quando a escola decide ensinar sobre sexualidade. Traz a visão de alguns estudiosos da ES

sobre como deve ser a interação família-escola. Faz um breve histórico do atraso da implementação da ES na escola e relata incidentes da inserção da ES em escolas brasileiras e em especial um ocorrido em 2004, em uma escola de Londrina, Paraná. Alerta que as repressões muitas das vezes são dos pais e devido a isso é necessários cuidados e autorizações junto a família para evitar futuros desentendimentos, mesmo tendo documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que oficializa a ES na escola e dá respaldo para trabalhar a temática sem autorização formal dos pais. Durante o relato de alguns tipos de repressões, a autora cita a justificativa do conselheiro Almirante Benjamin Sodré, de 1968: “a inocência é a melhor defesa para a pureza e a castidade”. (WEREBE, 1978, p. 21 apud FIGUEIRÓ, 2018, p. 132) Analiso essa fala como o motivo de tantos problemas relacionados a falta da ES. No fim do capítulo a autora apresenta e discute a problemática da “Ideologia de gênero”, traz a origem e definições relacionadas e diz dos caminhos futuros contrários a ES, mais especificamente no quesito gênero e orientação sexual. Registra também a revigoração da ideia que já havia sido superada, que ES é dever da família e não da escola. Me posiciono frente a necessidade de discutir a ideologia de gênero nas escolas, pois entendo ser uma demanda da sociedade atual. Em relação a ES ser apenas papel da família contribuo com minha experiência profissional ao constatar que a maioria das famílias ensinam a ES a seus filhos por meio da omissão e o reflexo dessa omissão é presenciada de modo negativo no cotidiano da escola, confirmando que a omissão sobre o assunto não é a melhor opção e acrescento ainda a questão de analisar a função atribuída a escola quanto a formação do educando.

O sétimo capítulo tem como título “Iniciação sexual ‘precoce’: como a Educação Sexual pode ajudar a imprimir um novo rumo”, a autora tece propostas e alternativas que possibilitam, ao educador, contribuir para uma iniciação sexual mais responsável e feliz dos adolescentes a partir de reflexões no contexto da formação moral autônoma. Apresenta dados estáticos sobre a iniciação sexual precoce nos últimos tempos e as consequências como gravidez na adolescência, abortos e Aids. A autora afirma que uma ES bem trabalhada com os adolescentes faz com que a iniciação sexual seja mais tardia. Apresentada os três modelos de educação moral, na qual destaca o modelo autônomo de valores para a ES. Figueiró verificou, como resultado de um trabalho realizado e descrito no capítulo, que os professores estão mais comprometidos com a educação moral de valores absolutos, ou seja, com postura autoritárias para orientar os alunos quanto a iniciação sexual. Contribuo justificando alguns dos motivos dos professores terem esse tipo de prática autoritária: carência de espaços para reflexões e estudos para uma reeducação sexual, reduzida disponibilidade de tempo devido a carga exaustiva de aulas, ausência de políticas públicas que objetivam a qualidade das formações continuadas. Dando sequência, aponta a indagação que permanece neste contexto: qual seria a melhor hora para o jovem ter relação sexual? O ensino de ES responderia essa indagação com a proposta, da autora, que os adolescentes cheguem a conclusão que a vida sexual deva iniciar mais tarde para evitar riscos, o que é o inverso de aconselhar. Cita 5 elementos para ser a base da construção de valores morais próprios a respeito da iniciação sexual. Esses 5 elementos quando trabalhados devem levar em consideração as estratégias de ensino que considere a participação ativa do educando e a educação moral autônoma. Na sequência apresenta algumas dessas estratégias. Ressalta também os casos de jovens quererem fazer sexo negando a educação moral autônoma de valores e que nesses casos é direito deles receberem o conhecimento sobre os métodos contraceptivos e de prevenção contra as ISTs (infecções sexualmente transmissíveis). E finaliza afirmando a importância do papel dos pais na iniciação sexual dos filhos no quesito de impor limites. Através dessa leitura entendo como o trabalho da ES na escola evita ações irresponsáveis e que traz um teor contrário ao senso de grande parte das pessoas que pensam que a ES instiga a curiosidade e a prática do sexo.

O capítulo oito é referente a reflexões a partir do que pensam alguns professores e alunos do Ensino Médio sobre o “Ficar”. Para discorrer sobre o tema, Figueiró apresenta a pesquisa realizada com educadores e alunos, em 2003, a fim de entender o “ficar” na perspectiva de quem vive e na perspectiva dos educadores e o posicionamento da escola por meio da ES informal. Primeiramente a autora apresenta conceitos e o posicionamento sobre o “ficar” de acordo com alguns estudiosos da sexualidade e a possível origem e necessidade desse tipo de

relacionamento. Alguns estudiosos são favoráveis e compreende “ficar” como um relacionamento positivo, porém outros banalizam. Sou favorável aos estudiosos que entendem “ficar” como uma experiência preparatória para o namoro e não a um relacionamento ligado a irresponsabilidade, ao descompromisso e à falta de limites na vida. Me posiciono assim, quando o “ficar” é entendido como um relacionamento no qual não ocorre o ato sexual. Dos resultados da pesquisa feita sobre o “ficar” verificou a desaprovação da maior parte dos educadores e o uso de bastante termos fortes e pejorativos. Percebo nas falas, citadas pela autora, dos educadores entrevistados, que este não tem o mesmo conceito e entendimento do “ficar” dos jovens e isso gera uma interpretação errada desse relacionamento afetivo-amoroso e evidencia a necessidade do diálogo e reflexão sobre o assunto para ter conhecimento do que pensam os jovens. Entre os jovens o “ficar” também tem sentidos diferentes, possível pré-namoro para alguns e um passa tempo para outros, confirmando a importância de trabalhar a ES na escola tendo como base as relações de gênero e do respeito a todo tipo de diversidade e ao próximo, a fim de que esse novo relacionamento ocorra com responsabilidade pelos adolescentes e jovens.

No capítulo nove “Educação sexual na escola: desafios e conquistas dos educadores” a autora inicia dizendo que a prática profissional do educador vem apontando para a necessidade da ES em sua formação inicial e continuada. De fato, por falta de formação na área e sentido a necessidade dos alunos em falar do tema, aqui estou resenhando essa obra de Figueiró tão enriquecedora para a minha formação. No capítulo a autora mostra diferenças de contexto sociais e culturais, quanto a sexualidade e destaca que a omissão e a repressão do assunto nunca foram a solução. O capítulo conceitua ES, ES informal, ES formal; explica a ES de acordo com os PCN; discorre sobre as questões de gênero, de ideologia de gênero, da diversidade sexual, da escola sem partido, do papel da escola no desenvolvimento dos alunos e ainda discute a importância do educador compreender a sua função na ES, antes de procurar por estratégias de ensino. No fim a autora faz um apanhado dos desafios discutidos durante o capítulo a fim de que a ES seja trabalhada positivamente pelos educadores e não de modo omissivo. Alega que os educadores sentem o reflexo de sua própria experiência com a ES e confirma a importância de trabalhar a ES com os educandos. Além dos desafios, também é descrito conquistas que os professores podem alcançar ao trabalhar sobre a sexualidade com os alunos. O capítulo é finalizado pontuando um dos grandes desafios atuais da escola: torná-la um local atrativo. Tenho entendimento que a ES pode ser um tema que ajude a alcançar esse desafio, pois o educando ao perceber que o trabalho desenvolvido vai ao encontro da sua formação integral, sente-se atraído.

“Educação sexual: professores não podem doutrinar. Pais e mães podem?”, esse é o título do capítulo dez. Inicia descrevendo quando a ES necessitou da intervenção escolar e a resistência, dos pais, em relação a ES na escola devido ao medo dos professores doutrinarem seus filhos. Para esclarecimentos é conceituado e discutidos os termos doutrinação e valores. Quanto a aprendizagem de valores descreve que a família contribui para desenvolver valores e contravalores, de forma consciente ou inconsciente e na escola a educação de valores pode ser planejada e pensada intencionalmente. Comenta sobre o ensino de valores de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e que os valores da ES estão em sincronia com o desenvolvimento da autonomia moral, em direção a uma educação que torne o educando a ser sujeito da sua sexualidade. Segundo a autora os objetivos do desenvolvimento autônomo moral dentro da ES está relacionada ao respeito, igualdade, integridade pessoal, liberdade, responsabilidade e consideração pelos outros. Discorre sobre os direitos dos pais e dos professores em relação ao ensino de valores e orienta para que ambos não doutrinem e que o correto a fazer tanto pais como escola é criar condições para o diálogo e discussão para que o sujeito vá formando aos poucos o seu posicionamento social. Que o professor pode se posicionar diante de várias questões, porém com o cuidado para não validar apenas o seu posicionamento. Figueiró reflete sobre o fracasso da doutrinação, da omissão e da necessidade da abertura do diálogo e reflexão aos educandos. Além de toda reflexão de valores e doutrinação, a autora discorre sobre a Escola sem partido e o discurso de ideologia de gênero. Percebo haver um entendimento errado de significados e objetivos da Escola sem partido e da ideologia

de gênero, pois não há doutrinação como sugere o criador da Escola sem partido quando a ES é trabalhada a fim de desenvolver a educação moral autônoma do educando, a mesma essência vale para o discurso da ideologia de gênero.

O capítulo onze falará sobre “Reeducação sexual: percurso indispensável na formação de educadores”. Segundo a autora a reeducação sexual existe para ajustar a educação sexual recebida durante toda a vida de um educador, seja escolar ou através da cultura, religião, família e demais influências externas. Ela cita vários livros e autores favoráveis a reeducação sexual e diversas formas para que isso se efetive. Para oportunizar a reeducação sexual a autora traz a autorreflexão como instrumento indispensável. O texto descreve uma pesquisa que teve como objetivo conhecer como foi o processo de ES de estudantes universitárias, nascidas na década de 1980, o entendimento sobre ES das mesmas e analisar um instrumento que se propõe a autorreflexão do futuro educador sexual. A pesquisa é descrita com detalhes e traz em anexo o instrumento, denominado “A difícil arte do reencontro” desenvolvido pela autora, utilizado na pesquisa. A autora, neste texto, dá um enfoque maior na questão que avalia o instrumento utilizado de autorreflexão e sugere medidas para otimizar os benefícios do instrumento. Apresenta brevemente uma extensão da pesquisa com a finalidade de verificar a ES presente em diversos cursos de graduação. Os resultados não foram positivos e por isso ressalta a necessidade da ES na formação acadêmica e o reflexo dessa ausência no exercício de várias profissões que terão que lidar com temas relacionados a sexualidade. Conclui o texto reconhecendo o instrumento utilizado como facilitador da autorreflexão, podendo ser usado em diversos cursos de graduação como integrante no processo de reeducação sexual. Avalio o instrumento apresentado em anexo sendo de alta valia, composto de diversas perguntas que permite a reflexão pessoal e direciona para o autoconhecimento, caminho, que reconheço e concordo com a autora, necessário para iniciar uma reeducação sexual.

“Educação Sexual e formação continuada do educador: desafios e cuidados no trato de temas polêmicos – diversidade sexual e aborto” assunto do capítulo doze. Pelo próprio título do texto, o leitor mentalmente já se posiciona, assim fiz eu quando fiz a leitura e por isso a cautela e os cuidados que serão apresentados pela autora nesse texto. A autora ressalta os desafios, os cuidados, e o papel do formador frente aos temas polêmicos. Relata experiências pessoais em relação aos temas e esclarece a superação de muitos tabus pessoais através do estudo, reflexão e vivência. Sugere estratégias para lidar com alguns desafios, porém afirma que é preciso a reflexão sobre o papel da escola e sobre o porquê de se fazer ES. Listarei, de forma resumida, o que o formador precisa fazer frente aos desafios a serem enfrentados, segundo Figueiró: 1º conquistar a confiança do educador, 2º criar um ambiente de proximidade entre os participantes, 3º estar ciente que vários educadores apresentarão atitudes resistentes à mudanças, 4º identificar a heterogeneidade dos credos religiosos, 5º lidar de forma cautelosa com a necessidade dos participantes em adiantar a discussão de temas polêmicos, 6º definir o melhor momento para temas polêmicos, como diversidade sexual e o aborto, 7º “sensibilizar os educadores de modo que estes fiquem dispostos a ouvir e a compreender os argumentos em defesa da descriminalização do aborto” (FIGUEIRÓ, 2018, p.302). Alguns desafios apresentados pela autora permitiu que eu refletisse sobre a questão de proporcionar meios para um novo posicionamento e não a imposição de valores do formador. Toda essa atividade na direção de alcançar uma educação moral autônoma, onde o sujeito possa ter acesso a diferentes realidades e contextos e ser construtor de seus valores sem sofrer influências tendenciosas. A autora finaliza o capítulo com mais algumas orientações sobre a formação de um grupo de estudo, destacando a necessidade do formador sempre oportunizar momentos para que todos os educadores sejam ouvidos.

No último capítulo, “Professora – pesquisadora e educadora sexual: um estudo de caso. Um caso modelo” é apresentado um estudo de caso que faz parte da Tese de doutorado da autora. Esse estudo de caso refere-se a uma professora que foi aluna de pós-graduação da autora, chamada Débora. Durante todo o capítulo é descrito a trajetória de Débora para tornar-se uma educadora sexual. Muitas situações, problemas e reflexões do ambiente escolar descrita por Débora, em 1999 e 2000, faz-se presente atualmente, realidades essas que vivencio, como professora de ciências e biologia pela mesma rede estadual de Débora. Quero chamar a aten-

ção para um aspecto do capítulo referente aos saberes dos professores, saberes estes que não apresenta status de conhecimento devido à falta de análises teóricas. Se essa realidade fosse transformada, os saberes experiências dos professores acrescentariam muito ao meio acadêmico, porém para que isso se efetive é preciso pesquisa e formação continuada, atividades não reconhecidas devidamente no contexto escolar, pelo fato de não ser proporcionado condições e remunerações financeiras. Isso desestimula muitos professores que se prendem apenas a sua carga horária de aula. O capítulo é concluído descrevendo os benefícios pessoais, profissionais e influências no meio escolar alcançados por Débora nesta caminhada.

Finalizo indicando essa obra, de fácil leitura, a todos os educadores, que assim como eu, sentem-se incomodados com diversas atitudes dos alunos que demonstram a ES omissa que estão recebendo. E diante disso sentem a necessidade de intervir para mudar essa realidade a fim de proporcionar conhecimentos e condições em direção da formação moral autônoma do educando. Será uma leitura que irá de encontro a necessidade do educador que deseja adquirir conhecimentos sobre ES e do educador que cumpre o currículo proposto, porém fica com o sentimento que há uma lacuna que não pode mais esperar, o desenvolvimento da ES com os educandos. Adianto que nessa busca por conhecimento e formação o leitor provavelmente deparará com a necessidade da própria reeducação sexual a partir da autorreflexão de sua própria história. Por fim, a obra é uma coletânea de diversos textos com relatos reais, definições, históricos, explicações, discussões e reflexões sobre a ES e é fonte de diversos referenciais dentro da temática, escrito por uma autora conceituada e com vastos trabalhos na área da ES emancipatória.

Referências

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: saberes essenciais para quem educa**. Curitiba: CRV, 2018.

Recebido em 21 de dezembro de 2020.
Aceito em 19 de abril de 2021.